

2571 Portugal 43 01	DIARIO DE LISBOA Lisboa	23. JAN. 1979
	BOCAS DO INFERNO Cascais	
	POVO RURAL Lisboa	

Formação - Estágios

PEDAGOGIA POR OBJECTIVOS

 AGOSTINHO REIS MONTEIRO

201
 Há mais de um século que os «mandamentos» metodológicos herbartianos presidem ao ritual quotidiano da instituição escolar e apaziguam a insegurança e a consciência de muito professor. Resistindo e digerindo a contestação, nem o movimento da Educação Nova os apeou do litúrgico fascínio que exercem: recordação da lição anterior, exposição da nova lição, exercícios de aplicação, recapitulação e generalização — a via real dessa metodologia.

Agora, a «pedagogia por objectivos» é, nos centros de formação de professores, entre nós, o mais recente estandarte da renovação pedagógica. «Definir os objectivos da educação» é a palavra de ordem: identificar os objectivos gerais do ensino; defini-los clara e concisamente em termos de metas específicas de aprendizagem; começar cada meta específica de aprendizagem por um verbo que indique um comportamento observável: identificar, descrever, enumerar, relacionar — eis a renovada via real... «Taxonomia» é uma palavra mágica: Bloom, Krathwohl, Harrow, são nomes que andam na boca de orientadores que se prezam e de estagiários que desejam brilhar e amearhar.

Será a «pedagogia por objec-

tivos» um dos sete fôlegos de uma certa e velha pedagogia?

É uma dúvida que tenho. Tentarei expô-la e — receptivo a contra-argumentos — argumentá-la. Dela está excluído o reconhecimento da necessidade e do mérito de todo e qualquer esforço para alargar as bases científicas, teóricas e práticas, da educação. Contanto que, todavia, esse terreno não seja conquistado pelo preço de um empobrecimento ou hipoteca da própria educação.

As taxonomias, em educação, são possíveis de objecção psicopedagógica e política.

1. As taxonomias prescindem, na prática, do nível de decisão que é o poder político, subalterizam o nível de decisão que é o professor, e isolam assepticamente o nível de decisão institucional das autoridades pedagógicas, nacionais ou locais.

2. Em consequência, passam ao lado do primeiro nível de definição dos objectivos — o dos fins gerais da educação — para se ocuparem apenas de objectivos comportamentais (principalmente) e operacionais.

3. Embora não excluindo nenhum dos três domínios comportamentais — o cognitivo, o afectivo e o psicomotor — a taxonomia mais desenvolvida e privilegiada

é a do domínio cognitivo, e não há, nem talvez venha a existir, uma taxonomia única, polivalente, integrada.

4. No seu estágio actual, as taxonomias asseritam, não apenas em bases psicológicas necessariamente precárias, mas porventura erradas. Por exemplo, Guilford, nas suas conhecidas investigações sobre a estrutura da inteligência, não conseguiu provar que a análise e a síntese são aptidões distintas de outras funções mentais. E não estarão as taxonomias inquinadas de neo-behaviourismo?

5. As taxonomias, devolvendo uma primazia formal ao programa, revalorizando o didactismo magistral, marginalizando a personalidade do sujeito da educação e fragmentando o projecto pedagógico, podem tornar-se culpadas de um retrocesso educacional.

«Taxonomia», «pedagogia por objectivos», «ensino personalizado», «criatividade», «libertação» — estas e outras palavras e expressões fazem parte, hoje, de um vocabulário que fica bem a quem o usa, mas que pode não

significar mais do que um exorcismo de má consciência, um alibi de nebulosas intenções ou ainda outros tantos «bibelots» de despreocupada ignorância.

A formação de professores, em Portugal, é um exemplo de calamitoso espanto e improficuidade. Não referirei o que ultimamente se tenta nas novas universidades, por não dispor de informação idónea. Algumas experiências no ramo educacional das Faculdades de Ciências poderão merecer igual excepção. Falo sobretudo dos estágios para o ensino secundário e das Escolas do Magistério Primário.

Dos primeiros testemunham as suas «vítimas»: «processo de formação científico-pedagógica ou seu aniquilamento?», «durante os próximos tempos, não quero ouvir falar disso», «o ano de estágio é para esquecer», «um ano fora da vida». «havia grupos que consideravam o 'Lorenin' e o tabaco como material de estágio»... Quanto a orientadores (honra à honestidade e competência dos que são dig-

0112⁷/79

Pedagogia por objectivos

Continuação da pag. 3.

nos!) é melhor não dizer nada.

No que se passa nas E.M.P. posso dar testemunho directo: currículos e programas, caprichosamente alterados ao sabor da «iluminação» dos sucessivos responsáveis, não vão, em alguns casos, além dos índices deste ou daquele manual; o recrutamento dos professores é quase completamente inadequado à exigência das funções a que se destinam, e o resultado está à vista (para não falar da direcção das escolas...); o estágio e, na generalidade, uma prática de vigilante submissão ao professor-orientador que a sorte destinou a cada um, uma encenação, um activismo alienante e polarizado na nota final de que depende, em tempo de austeridade cultural e desemprego, um futuro posto de trabalho.

Entretanto, este estudo de coisas não obistou a que a «pedagogia por objectivos» entrasse, em força, também nas E.M.P. Contaram-me que um metodólogo de uma escola ouviu falar de taxonomias, um dia, pediu um livro emprestado e, no dia seguinte, foi falar delas numa escola anexa. A confusão que lançou foi indizível... Mais tarde, o frustrado metodólogo desabafou com o colega que lhe emprestara o livro: «Ó doutor, isto é só para metodólogos!...»

A «pedagogia por objectivos» pode ser utilizada como biombo ou freio de proveniência política sobre os objectivos profundos da educação. Pode ser um manto defensivo de «objectividade»... Pode ser uma cortina de fumo sobre um futuro que se receia.

Contra a angústia, os indivíduos e as sociedades fabricam, em dimensões gigantescas, as crenças: «Existe crença porque há um hiato entre o pensamento, que, por definição, só se satisfaz com a evidência, e a acção, que não pode esperar indefinidamente que se aclarem todas as coisas e que reclama a imediata execução.» (1) A «pedagogia por

objectivos» poderá ser uma dessas crenças, não só por necessidades da acção, mas ainda para impedir ou adiar outra acção. «A opção sociopolítica nem sempre se exprime directamente (...) Ela refugia-se, por exemplo, atrás de construções psicológicas ou pedagógicas falsamente mascaradas de objectividade científica ou de preocupação humanitária.» (2) K. Jaspers escreveu também: «Sintoma da inquietação do nosso tempo quanto ao problema educacional é a intensidade dos esforços, no campo da pedagogia, desprovidos, porém, de ideia central, o débito incalculável de literatura produzida anualmente, o aperfeiçoamento da arte didáctica (...) Uma época que não confia em si volta-se para os problemas pedagógicos puramente formais, como se do nada alguma coisa pudesse surgir.»

Citando J. Raven, os Landsheere realçam que «os educadores (e os teóricos contemporâneos da pedagogia) concordam geralmente em conceder mais importância aos objectivos afectivos e sociais da educação do que aos objectivos cognitivos» (4). Na realidade, e compartilhando a opinião de M. Lobrot (5), o psiquismo humano é (pelo menos ainda, no estágio em que se encontra a filogenia cerebral) essencialmente afectividade. O indivíduo é determinado pelas suas pulsões, o essencial da sua vida, e que não são congénitas: nascem do encontro com o mundo físico, humano, social. Consequência: o primado das relações humanas e das relações sociais sobre as técnicas. O homem não aprende só a conhecer. Aprende sobretudo a sentir, a querer, a amar. Por isso, «passar da tecnopedagogia à bio-psico-socio-pedagogia é ir da prioridade do objecto à primazia do sujeito. Aí está, sem dúvida, para além de todos os arranjos instrumentais, a verdadeira revolução pedagógica.» (6)

Glosando o pedagogo acabado de citar, não haverá peda-

gogia autêntica, coerente, fecunda, enquanto o povo viver no subdesenvolvimento material, cultural e afectivo, enquanto a educação for uma enteada do orçamento do Estado, enquanto as escolas se assemelharem a estábulos, quartéis ou casas de correcção, enquanto a docência for um vazadouro de desempregados, um do-mal-o-menos, e a educação um ofício que toda a gente sabe, enquanto as crianças tiverem fome, frio, não dispuserem de tempo nem de meios para brincar, sofrerem violências, não gostarem da escola. Por isso, «educação deveria significar luta no sentido de um mundo mais feliz, mais justo e mais livre» (7). Por isso também, «há uma unidade complexa e contraditória do acto educativo e da opção que ele implica, unidade das suas dimensões pessoal, relacional, política-unidade que remete para uma escolha fundamental sobre a vida e, finalmente, sobre o ser» (8).

Ciência, Solidariedade, Democracia – são, nas palavras de A. Fabre, na esteira de P. Langevin, a finalidade humana da educação. Enquanto não for atingida, a educação será, mais ou menos, adaptação prepotente. Enquanto for silenciada, a «pedagogia por objectivos» ou outra qualquer, é uma pedagogia de diversão.

Notas

- (1) Michel Lobrot, «Teoria de la educación», Barcelona, Fontanella, 1972, p. 144
- (2) Viviane de Landsheere, Gilbert de Landsheere, «Definir os objectivos da educação», Lisboa, Moraes, 2.ª ed., 1977, p. 9
- (3) Karl Jaspers, «A situação espiritual do nosso tempo», Lisboa, Moraes, 1968, pp. 160, 161
- (4) Viviane de Landsheere, Gilbert de Landsheere, *ibid.* p. 181
- (5) Michel Lobrot, «Priorité à l'éducation», Paris, Payot, 1973
- (6) Arnould Clause, «Philosophie et méthodologie d'un enseignement renouvé», Paris, Armand Colin, 2.ª ed. 1973, p. 96
- (7) Vários, «Os direitos da criança», Lisboa, Editores Associados, 1971, p. 205
- (8) Jacques J. Natanson, «L'enseignement impossible», Paris, Éditions Universitaires, 1973, p. 39

Formação - Estágios